

# Catulo, Tibulo e Marcial

## Três momentos da poesia lírica latina

Tradução de  
JOHNNY JOSE MAFRA

### I — CATULO

Caio Valério Catulo é o principal poeta de um grupo de poetas da época de Cícero, conhecidos como *poetae novi*, os quais, fazendo verdadeira revolução na poesia, imitavam os alexandrinos, isto é, os poetas gregos que viveram nos séculos III e II a.C., nos reinos helenizados do Oriente, sobretudo em Alexandria. O mais célebre desses poetas foi Calímaco de Cirene, mas citam-se também Filetas, Licófron, Teócrito, Bion e Mosco. Aos latinos Cícero costumava chamar com desdém *cantores Euphorionis*, atribuindo-lhes as más qualidades do poeta alexandrino Euforião.

Catulo nasceu em Verona, por volta de 87 a.C., e, muito jovem, radicou-se em Roma, onde freqüentou a amizade e a roda culta de Hortênsio, Cícero, Asínio Polião e Licínio Calvo. Em 57 acompanhou o propretor Mêmio numa expedição militar à Bitínia e, ao regressar, retirou-se para Sírmio, “jóia das ilhas e penínsulas”, que ele immortalizou num de seus carmes. Morreu por volta de 54 a.C., nesse mesmo lugar calmo e tranqüilo, depois de se haver reconciliado com César, que atacara duramente em seus versos.

Além dos alexandrinos, Catulo reflete influência de poetas mais antigos como Homero, Hesíodo, Píndaro, Safo, Êsquilo, Sófocles e Eurípides. Sua obra conhecida consta de 116 poemas, catalogados, de acordo com a forma métrica e a extensão, em três grupos: 60 poemas curtos de forma lírica, em diferentes metros; 4 poemas longos e eruditos, no estilo dos poemetos épicos alexandrinos; 52 epigramas em dísticos elegíacos.

Ao lado do metro heróico dos epílios alexandrinos e do dístico elegíaco, Catulo usou os mais diferentes metros da lírica grega, motivo por que é considerado o verdadeiro introdutor em Roma da poesia polimétrica.

Sua temática é variada, com predomínio da lírica erótica.

## 2.

Passer, deliciae meae puellae,  
 Quicum ludere, quem in sinu tenere,  
 Quoi primum digitum dare adpetenti  
 Et acris solet incitare morsus.  
 Cum desiderio meo nitenti  
 Karum nescio quid lubet iocari  
 Et solaciolum sui doloris,  
 Credo, ut tum grauis acquiescat ardor;  
 Tecum ludere sicut ipsa possem  
 Et tristis animi leuare curas!

Oh pássaro! Delícias de minha amada!  
 Contigo ela brincava, trazendo-te no regaço.  
 A ti, desejoso, dava a pontinha do dedo  
 e provocava mordidas dolorosas.  
 Enquanto ela, por me desejar ardentemente,  
 se distrai com o que tem não sei que encanto  
 e alívio de seu sofrimento,  
 apaga-se, creio, o fogo de sua paixão.  
 Assim pudesse eu também folgar contigo, ó pássaro,  
 e aliviar os tristes cuidados do meu coração!

## 3.

Lugete, o Veneres Cupidinesque,  
 Et quantum est hominum uenustiorum.  
 Passer mortuus est meae puellae,  
 Passer, deliciae meae puellae,  
 Quem plus illa oculis suis amabat;

Nam mellitus erat suamque norat  
 Ipsam tam bene quam puella matrem,  
 Nec sese a gremio illius mouebat,  
 Sed circumsiliens modo huc modo illuc  
 Ad solam dominam usque pipiabat.  
 Qui nunc it per iter tenebricosum  
 Illuc, unde negant redire quemquam.  
 At uobis male sit, malae tenebrae  
 Orci, quae omnia bella deuoratis;  
 Tam bellum mihi passerem abstulistis.  
 O factum male! o miselle passer!  
 Tua nunc opera meae puellae  
 Flendo turgidoli rubent ocelli.

Chorai, ó Vênus e Cupidos  
 e quanto existe de homens sedutores!  
 Está morto o pássaro de minha amada,  
 aquele pássaro, delícias de minha amada,  
 que ela amava mais que aos próprios olhos.  
 Era muito querido e conhecia sua dona  
 tão bem quanto a filha a própria mãe.  
 E não se afastava de seu colo,  
 mas, saltitando daqui e dali,  
 somente para ela pipilava.  
 Agora vai pelo caminho tenebroso,  
 para o lugar donde, se diz, ninguém voltou.  
 Malditas sejais, cruéis trevas do Orco,  
 que devorais tudo o que é belo!  
 Levastes de mim o pardal tão lindo!  
 Oh fado cruel! Infeliz pássaro!  
 Agora, por obra tua, os olhinhos de minha amada  
 estão inchados e vermelhos de chorar.

5.

Viuamus, mea Lesbia, atque amemus,  
 Rumoresque senum seueriorum  
 Omnes unius aestimemus assis.

Soles occidere et redire possunt;  
 Nobis cum semel occidit brevis lux,  
 Nox est perpetua una dormienda.  
 Da mi basia mille, deinde centum,  
 Dein mille altera, dein secunda centum,  
 Deinde usque altera mille, deinde centum.  
 Dein, cum milia multa fecerimus,  
 Conturbabimus illa, ne sciamus,  
 Aut ne quis malus iuidere possit,  
 Cum tantum sciat esse basiorum.

Vivamos, minha Lésbia, e amemo-nos  
 e tenhamos na conta de um vintém  
 todos os murmúrios dos velhosm ais severos.  
 Os sóis podem pôr-se e levantar-se.  
 Nós, quando, uma vez, se apaga a breve luz,  
 uma noite sem fim devemos dormir.  
 Dá-me mil beijos, e ainda cem,  
 e ainda mil outros, e ainda outra vez cem,  
 e depois ainda outros mil e ainda cem.  
 E depois, quando muitos mil tivermos dado,  
 misturemo-los, para que percamos a conta,  
 ou para que nenhum malvado nos possa invejar,  
 quando souber tantos serem os nossos beijos.

8.

Miser Catulle, desinas ineptire,  
 Et quod uides perisse perditum ducas.  
 Fulsero quondam candidi tibi soles,  
 Cum uentitabas quo puella ducebat  
 Amata nobis quantum amabitur nulla.  
 Ibi illa multa tum iocosa fiebant,  
 Quae tu uolebas nec puella nolebat.  
 Fulsero uere candidi tibi soles.  
 Nunc iam illa non uult; tu quoque, inpotens, noli,  
 Nec quae fugit sectare, nec miser uiue,  
 Sed obstinata mente perfer, obdura.

Vale, puella. Iam Catullus obdurat,  
 Nec te requiret nec rogabit inuitam;  
 At tu dolebis, cum rogaberis nulla.  
 Scelestas, uae te; quae tibi manet uita!  
 Quis nunc te adibit? cui uideberis bella?  
 Quem nunc amabis? cuius esse diceris?  
 Quem basiabis? cui labella mordebis?  
 At tu, Catulle, destinatus obdura.

Infeliz Catulo, acaba com essa loucura  
 e o que vês perdido dá por perdido.  
 Brilharam para ti um dia sóis luminosos,  
 quando ias para onde tua amada te lavava,  
 por nós amada como nenhuma outra será.  
 Aí, então, aconteciam aqueles muitos prazeres  
 que tu querias e ela não deixava de querer.  
 Brilharam, sim, luminosos dias para ti.  
 Agora, ela já não quer. Tu também,  
 incapaz, deixa de querer, e não persigas  
 o que te foge, nem vivas infeliz,  
 mas sofre de mente inabalável, não desanimes.  
 Adeus, mulher! Agora Catulo está inflexível:  
 não te procurará nem te desejará mau grado teu.  
 Tu hás de sofrer, quando ninguém te desejar.  
 Desgraçada! Ai de ti! Que vida terás!  
 Quem se aproximará de ti?  
 A quem parecerás bela?  
 A quem amarás? De quem dirás que és?  
 A quem beijarás? A quem morderás os lábios?  
 Mas tu, Catulo, decidido, fica inflexível.

58.

Caeli, Lesbia nostra, Lesbia illa,  
 Illa Lesbia, quam Catullus unam  
 Plus quam se atque suos amauit omnes,  
 Nunc in quadruuiis et angiportis  
 Glubit magnanimi Remi nepotes.

Ó Célio, a minha Lésbia, a Lésbia,  
aquela Lésbia, a qual, só, Catulo  
amou mais que a si mesmo e a todos os seus,  
agora, nas encruzilhadas e becos,  
esfrega-se nos descendentes do grande Remo.

70.

Nulli se dicit mulier mea nubere malle  
Quam mihi, non si se Iupiter ipse petat.  
Dicit; sed mulier cupido quod dicit amanti  
In vento et rapida scribere oportet aqua.

Minha amada diz preferir-me a qualquer outro,  
ao próprio Júpiter, se a requestasse.  
Diz; mas o que a mulher diz ao amante apaixonado  
no vento e na onda rápida deve escrever-se.

73.

Desine de quoquam quicquam bene uelle mereri  
Aut aliquem fieri posse putare pium.  
Omnia sunt ingrata, nihil fecisse benigue  
Prodest, immo etiam taedet obestque magis  
Ut mihi, quem nemo grauius nec acerbius urget  
Quam modo qui ne unum atque unicum amicum habuit.

Deixa de esperar merecer algo de alguém  
ou de julgar que alguém possa ser reconhecido.  
Tudo é ingratitude. Nada adianta fazer o bem,  
até entristece e prejudica mais, como a mim,  
a quem ninguém mais impiedosa e acerbamente  
persegue, do que aquele que há pouco  
me teve, só, como único amigo.

85.

Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.  
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.

Odeio e amo.  
 Porque eu faça isso, talvez me perguntes.  
 Não sei.  
 Mas sinto que isso acontece  
 e eu me torturo.

87.

Nulla potest mulier tantum se dicere amatam  
 Vere, quantum a me Lesbia amata mea es.  
 Nulla fides nullo fuit umquam foedere tanta,  
 Quanta in amore tuo ex parte reperta mea est.

Mulher alguma pode dizer-se amada  
 tão sinceramente quanto forte amada por mim,  
 minha Lésbia.  
 Jamais nenhum juramento foi respeitado  
 com tão grande fidelidade  
 quanta, no teu amor,  
 de minha parte, foi demonstrada.

109.

Iocundum, mea uita, mihi proponis amorem  
 Hunc nostrum inter nos perpetuumque fore.  
 Dei magni, facite ut uere promittere possit,  
 Atque id sincere dicat et ex animo,  
 Ut liceat nobis tota perducere uita  
 Aeternum hoc sanctae foedus amicitiae.

Ó minha vida, tu me asseguras que nosso amor  
 será delicioso e perpétuo, entre nós.  
 Fazei, ó grandes deuses,  
 que ela possa prometer verdadeiramente  
 e que fale com sinceridade, de todo o coração,  
 para que nos seja permitido continuar,  
 pela vida toda, este pacto eterno  
 de sagrada ternura.

## II — TIBULO

Albio Tibulo era cavaleiro romano, mas tornou-se célebre por suas elegias, compostas sob a influência de Catulo e Cornélio Galo. Nasceu por volta de 54 a.C. e morreu por volta de 19 a.C., o que o situa na época de Augusto, contemporâneo de Virgílio e Horácio, de quem era amigo. Combateu sob as ordens de Messala na campanha da Aqüitânia e o acompanhou em uma missão à Ásia. Ao regressar, adoeceu e teve de ficar em Corcira. De natureza delicada, às ambições militares preferiu dedicar-se à poesia e sentir-se a gosto exclusivamente em sua vida privada.

Como poeta representa o membro mais ilustre do círculo literário de Messala, de que dá uma idéia o Livro II do *Corpus Tibullianum*. Sua obra é composta de quatro livros de *Elegias*, cheias de sensibilidade e marcadas por um estilo doce e harmonioso. Seus versos dirigem-se a duas mulheres, Délia, no Livro I, e Nêmesis, no Livro II. Os Livros III e IV contêm elegias do próprio Tibulo e de outros poetas do círculo de Messala.

O motivo mais importante das elegias tibulianas é a magia amorosa, que perpassa toda a obra. A tese do enfeitiçamento pelo amor encontra explicação nestes versos em que o poeta, ao procurar esquecer Délia, nos braços de outra namorada, e ao ouvir desta que Délia o teria enfeitiçado, diz:

Non facit hoc uerbis, facie tenerisque lacertis  
deuouet et flauis nostra puella comis. (1,5,43-44)

Minha amada não faz isso com palavras.  
Ela me encanta com seu rosto,  
com seus braços delicados,  
com seus louros cabelos.

Mais adiante, Tibulo confessa:

Forma nihil magicis utitur auxiliis,  
sed corpus tetigisse nocet, sed longa dedisse  
oscula, sed femori conseruisse femur. (1,8,24-26)

A beleza não usa o recurso da magia,  
 mas o meu mal vem de ter tocado o teu corpo,  
 dos longos beijos que te dei  
 e de à tua coxa ter unido minha coxa.

1.

Diuitias alius fuluo sibi congerat auro  
 et teneat culti iugera multa soli,  
 quem labor adsiduus uicino terreat hoste,  
 Martia cui somnos classica pulsa fugent:  
 me mea paupertas uita traducat inertu,  
 dum meus adsiduo luceat igne focus,  
 ipse seram teneras maturo tempore uites  
 rusticus et facili grandia poma manu,  
 nec Spes destituat, sed frugum semper aceruos  
 praebeat et pleno pinguia musta lacu.

(I,1,1-10)

Outro acumule para si riqueza de ouro fulvo  
 e possua muitas jeiras de terra,  
 para que, no trabalho incessante,  
 trema de pavor diante do inimigo vizinho,  
 para que lhe afugente o sono  
 o toque das trombetas marciais.  
 Quanto a mim, me permita a minha pobreza  
 uma vida de trabalho,  
 contanto que brilhe em minha lareira  
 um fogo constante.  
 Que eu mesmo, qual camponês, plante,  
 em tempo certo, minhas tenras videiras  
 e, com mão hábil, grandes árvores frutíferas.  
 Não me abandone a Esperança,  
 mas que ela me ofereça, sempre,  
 o espetáculo de montanhas de cereais,  
 de dornas cheias de espesso vinho novo.

## 2.

Flebis et arsuro positum me, Delia, lecto,  
 tristibus et lacrimis oscula mixta dabis;  
 flebis; non tua sunt duro praecordia ferro  
 uincta, nec in tenero stat tibi corde silex.  
 Illo non iuuenis poterit de funere quisquam  
 lumina, non uirgo, sicca refere domum;  
 tu manes ne laede meos, sed parce solutis  
 crinibus et teneris, Delia, parce genis.

(I,1,61-68)

Tu chorarás, Délia. A mim,  
 colocado em um leito prestes a arder,  
 misturados a tristes lágrimas  
 dar-me-ás teus beijos.  
 Tu chorarás.  
 Teu coração não está fechado com cadeias de ferro  
 e não tens pedra em teu tenro peito.  
 Desses funerais, nenhum jovem, nenhuma moça  
 poderá voltar para casa de olhos secos.  
 Tu, Délia, não ofendas os meus manes,  
 mas poupa os teus cabelos soltos,  
 poupa as tuas delicadas faces.

## 3.

Adde merum uinoque nouos compesce dolores,  
 occupet ut fessi lumina uicta sopor,  
 neu quisquam multo percussum tempora baccho  
 excitet, infelix dum requiescit amor.  
 Nam posita est nostrae custodia saeua puellae.  
 clauditur et dura ianua firma sera.  
 Ianua difficilis domini, te uerberet imber,  
 te Iouis imperio fulmina missa petant.

(1,2,1-8)

Dá-me vinho puro e no vinho  
 afoga as novas dores  
 para que o sono se apodere  
 dos olhos vencidos do amante exausto,  
 e que ninguém venha despertar-me,  
 a mim, com a cabeça derrubada  
 pelo exuberante Baco,  
 enquanto repousa um amor desgraçado.  
 Uma terrível guarda foi montada  
 em torno de minha amiga  
 e a pesada porta está fechada com ferrolho.  
 Porta de senhor inflexível,  
 que te açoite a chuva, que os raios de Júpiter  
 invistam contra ti!

## 4.

Tu quoque ne timide custodes, Delia, falle;  
 audendum est: fortes adiuuat ipsa Venus;  
 illa fauet seu quis iuuenis noua limina temptat  
 seu reserat fixo dente puella fores;  
 illa docet molli furtim derepere lecto,  
 illa pedem nullo ponere posse sono,  
 illa uiro coram nutus conferre loquaces  
 blandaque compositis abdere uerba notis;  
 nec docet hoc omnes, sed quos nec inertia tardat  
 nec uetat obscura surgere nocte timor.

(1,2,15-25)

Tu, também, ó Délia, engana sem medo  
 os teus guardas. É preciso ousar.  
 Aos audaciosos, a própria Vênus ajuda;  
 ela favorece o jovem que arrisca novas soleiras  
 ou a amante que, introduzindo a chave,  
 abre a porta;  
 é ela que ensina a escorregar furtivamente  
 de um leito voluptuoso,  
 ela é que ensina a pisar sem ruído;

é ela que ensina a falar por gestos,  
 diante do marido, e a ocultar,  
 sob sinais combinados, palavras de carinho;  
 e ela não ensina isso a todos,  
 mas àqueles a quem a preguiça não detém,  
 nem o medo impede de levantar-se  
 na escuridão da noite.

## 5.

Ite procul, Musae, si non prodestis amanti:  
 non ego uos, ut sint bella canenda, colo,  
 nec refero Solisque uias et qualis, ubi orbem  
 compleuit, uersis Luna recurrit equis;  
 ad dominam faciles aditus per carmina quaero:  
 ite procul, Musae, si nihil ista ualent.

(II,4,15-20)

Para longe, ó Musas,  
 se não servis ao amante!  
 Não vos honro para cantar guerras,  
 não descrevo os caminhos do Sol  
 nem como a Lua,  
 quando completou sua órbita,  
 volta os cavalos e retorna.  
 Procuo apenas, com os meus versos,  
 caminhos fáceis para chegar à minha amada.  
 Para longe, ó Musas, se eles nada valem.

## 6.

Quidquid habet Circe, quidquid Medea ueneni,  
 quidquid et herbarum Thessala terra gerit,  
 et quod, ubi indomitis gregibus Venus adflat amores,  
 hippomanes cupidae stillat ab inguine equae,  
 si non me placido uideat Nemesis mea uultu,  
 mille alias herbas misceat illa, bibam.

(II,4,55-60)

Todo o veneno que Circe tem,  
todo o veneno de Medéia,  
todas as ervas que a Tessália produz  
e o hipômane que escorre da égua,  
quando Vênus inspira amor aos rebanhos selvagens,  
se a minha Nêmesis não lançar sobre mim  
um olhar benevolente,  
— e ela misture ainda outras mil ervas —  
tudo eu beberei.

### III — MARCIAL

Marco Valério Marcial, conforme seu próprio testemunho no epigrama 61 do Livro I, nasceu em Bîlbilis, antiga cidade da Espanha Tarraconense, entre os anos 38 e 41 d.C., no dia 1º de março. De sua vida sabe-se pouco. Sabe-se que foi sempre pobre, e que, jovem ainda, dirigiu-se a Roma, onde nenhuma profissão o atraiu, preferindo viver como poeta. Morreu entre os anos 102 e 104 d.C., data a que alude Plínio o Jovem com muita mágoa, referindo-se ao poeta com simpatia: *Erat homo ingeniosus, acutus, acer*. Era um homem engenhoso, perspicaz, impetuoso. (*Epist.* III, XXI).

A sua obra consta de uma única forma literária, o epigrama, em que encontramos a história de sua vida e a vida de muitos de seus amigos. Escreveu quinze livros: o Livro dos Espetáculos e outros quatorze livros com mais de 1.500 epigramas, dos mais variados assuntos.

O epigrama é uma composição curta, a princípio, em dístico elegíaco, mas, com o correr dos tempos, de forma alongada e metros variados, e caracteriza-se pelo tom satírico e mordaz e inesperado da conclusão. Em Marcial, ao lado do tom satírico e mordaz, está a licenciosidade que, sendo uma carga do tempo do poeta, é o ponto forte de seus apigramas. A obscenidade tem trânsito livre e o poeta não demonstra nenhum constrangimento, ao argüir os amigos de seus costumes, usando a palavra própria sem reserva.

## 1.

His est quem legis ille, quem requiris,  
 toto notus in orbe Martialis  
 argutis epigrammaton libellis:  
 cui, lector studiose, quod dedisti  
 uiuenti decus atque sentienti,  
 rari post cineres habent poetae.

(Ep. I,1)

Aqui está aquele poeta que tu lês,  
 que tu procuras, Marcial,  
 conhecido no mundo inteiro  
 por seus picantes livrinhos de epigramas:  
 a ele, ó leitor atento, deste,  
 embora ainda vivo e dotado de sentimento,  
 uma glória que raros poetas têm  
 depois da morte.

## 2.

Qui tecum cupis esse meos ubicumque libellos  
 et comites logae quaeris habere uiae,  
 hos eme, quos artat breuibus membrana tabellis  
 scrinia da magnis, me manus una capit.  
 Ne tamen ignores ubi sim uenalis et erres  
 urbe uagus tota, me duce certus eris:  
 libertum docti Lucensis quaere Secundum  
 limina post Pacis Paladiumque forum.

(Ep. I,2)

Tu que desejas ter contigo, em toda parte,  
 meus livrinhos e que procuras  
 companheiros para uma longa viagem,  
 compra estes, que o pergaminho  
 condensa em pequenas tabuinhas.  
 Guarda na estante os grandes;  
 quanto a mim, apanha-me uma única mão.

Para que não ignores, pois,  
 onde estou à venda e andes incerto,  
 por toda a cidade,  
 estarás seguro com minha orientação:  
 procura o Secundo, liberto do douto Lucense,  
 na porta do templo da Paz,  
 atrás do foro de Palas.

3.

Contigeris nostros, Caesar, si forte libellos,  
 terrarum dominum pone supercilium.  
 Consueuere iocos uestri quoque ferre triumphi,  
 materiam dictis nec pudet esse ducem.  
 Qua thymelen spectas derisoremque Latinum,  
 illa fronte precor carmina legas.  
 Innocuos censura potest permittere lusus:  
 lasciuia est nobis pagina, uita proba.

(Ep. I,4)

Ó César, se por acaso tocares meus livros,  
 fecha esses olhos senhores do mundo.  
 Teus triunfos acostumaram-se também  
 a suportar os gracejos do circo, e não convém  
 que um general seja matéria de poesia.  
 Peço-te leias meus versos com o mesmo interesse  
 com que vês Timelau e o mimo Latino.  
 A censura pode permitir piadas inocentes:  
 escrevo uma obra licenciosa,  
 mas a minha vida é honesta.

4.

Stellae delictum columba,  
 Verona licet audiente dicam,  
 uicit, Maxime, passerem Catulli.  
 Tanto Stella meus tuo Catullo  
 quanto passere maior est Columba.

(Ep. I,7)

A pomba do Estela, que delícia!  
 É bom que o diga pra Verona ouvir,  
 venceu, ó Máximo, o pardal de Catulo.  
 quanto a pomba é maior que o pardal.

5.

Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura  
 quae legis hoc: aliter non fit, Auite, liber.

(Ep.I,16)

Das poesias que aqui lês,  
 umas são boas, outras são sofríveis,  
 a maioria é ruim.  
 De outra forma, ó Avito,  
 não se faz um livro.

6.

Issa est passere nequior Catulli,  
 Issa est purior osculo columbae,  
 Issa est blandior omnibus puellis,  
 Issa est carior Indicis lapillis,  
 Issa est deliciae catella Publi.  
 Hanc tu, si queritur, loqui putabis;  
 sentit tristitiamque gaudiumque.  
 Colo nixa cubat capitque somnos.  
 ut suspiria nulla sentiantur;  
 et desiderio coacta uentris  
 gutta pallia non fefellit ulla,  
 sed blando pede suscitatur toroque  
 deponi monet et rogat leuari.  
 Castae tantus inest pudor catellae,  
 ignorat Venerem; nec inuenimus  
 dignum tam tenera uirum puella.  
 Hanc ne lux rapiat suprema totam,  
 picta Publius exprimit tabella,  
 in qua tam similem uidebis Issam,

ut sit tam similis sibi nec ipsa.  
 Issam denique pone cum tabella:  
 aut utramque putabis esse ueram,  
 aut utramque putabis esse pictam.

(Ep. I, 109)

Issa é mais travessa que o pardal de Catulo,  
 Issa é mais pura que o beijo de uma pomba,  
 Issa é mais carinhosa que todas as meninas,  
 Issa é mais preciosa que as pedras da Índia,  
 Issa é a cachorrinha, delícias de Públio.  
 Se ela se queixa, tu julgarás que fala;  
 fica triste e se alegra.  
 Deita-se apoiando-se sobre o pescoço  
 e dorme de tal modo  
 que nem se sente sua respiração.  
 Apertada por um desejo do ventre,  
 jamais sujou os panos da cama com uma gota,  
 mas com a pata carinhosa acorda o dono,  
 faz que ele desça da cama  
 e pede que a ajude a aliviar-se.  
 Tem tanto pudor essa cachorrinha  
 que desconhece o amor, nem podemos encontrar  
 esposo digno de moça tão delicada.  
 Para que a morte não a roube,  
 Públio pintou sua imagem em um quadro,  
 no qual verás uma Issa tão semelhante,  
 que nem a própria Issa é tão semelhante a si.  
 Em suma, põe Issa ao lado de seu retrato:  
 ou julgarás serem uma e outro verdadeiros,  
 ou julgarás que os dois são pintados.

7.

Cum te non nossem, dominum regemque uocabam;  
 nunc te bene noui: iam mihi Priscus eris.

(Ep. II, 112)

Quando eu ainda não te conhecia,  
 chamava-te senhor e chefe.  
 Agora que te conheço bem,  
 serás para mim apenas Prisco.

8.

Quod te nomine iam tuo saluto,  
 quem regem et dominum prius uocabam,  
 ne me dixeris esse contumacem:  
 totis pillea sarcinis redemi.  
 Reges et dominos habere debet  
 qui se non habet atque concupiscit  
 quod reges dominique concupiscunt.  
 Seruom si potes, Ole, non habere,  
 et regem potes, Ole, non habere.

(Ep. II, 68)

Porque te saúdo agora por teu nome,  
 a ti que chamava antes senhor e chefe,  
 não me julgues insolente:  
 comprei minha liberdade  
 a troco de todos os meus pertences.  
 Reis e senhores deve ter  
 o que não é dono de si e só deseja  
 o que os reis e senhores desejam.  
 Se podes, Olo, não ter escravo,  
 podes também não ter senhor.